

EPISÓDIO 2: AS MULHERES NA CIÊNCIA

Garry Aslanyan [00:00:09] Olá e bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou seu anfitrião, Garry Aslanyan. No episódio de hoje, discutiremos o tema das mulheres na ciência e na saúde global. O tema deste ano para o Dia Internacional da Mulher foi Escolha desafiar. Isso foi chamado para celebrar as mulheres, suas conquistas, mas também para aumentar a conscientização e agir contra a desigualdade. Na ciência, globalmente, as mulheres representam apenas cerca de 30% dos pesquisadores, de acordo com a UNESCO. E as evidências mostram que sua participação é ainda menor em posições de liderança e tomada de decisão. Juntando-se a nós hoje estão a professora Rose Leke e a Dra. Roopa Dhatt. Durante este episódio, você também ouvirá a Dra. Soumya Swaminathan, que atualmente é a cientista-chefe da Organização Mundial da Saúde. Nossas convidadas não são estranhas a desafiar o status quo das mulheres e a apoiar a igualdade de gênero, e elas tiveram carreiras notáveis nisso. Teremos a oportunidade de ouvi-las sobre suas carreiras, bem como discutiremos as causas que resultam na desigualdade de gênero e as estratégias desenvolvidas para enfrentá-las. Então, deixe-me apresentá-las. A professora Rose Leke é professora emérita de imunologia e parasitologia na Universidade de Yaoundé, nos Camarões. Roopa Dhatt é médica por formação e também diretora executiva da Women in Global Health. É uma organização que ela cofundou em 2015 para melhorar a igualdade de gênero na liderança global em saúde. A saúde global é uma carreira empolgante, então vamos começar pedindo que vocês dois nos falem um pouco sobre sua carreira, como seguiram essa carreira e qual foi a coisa inesperada que aconteceu com vocês durante essa jornada. Talvez comecemos com o professor Leke.

Rose Leke [00:02:32] Muito obrigado, Garry. Quando eu era pequeno, tive um pai que era professor e pensei que eu tinha que entrar na área científica. Você pode imaginar na África, nas décadas de 50 e 60, quantas mulheres frequentavam a escola naquele momento. Mas ele me fez ir para a escola. Ele me fez, você sabe, acreditar que eu tinha que entrar na ciência, ser engenheiro, ser médico, ser engenheiro. E ele ficava dizendo isso o tempo todo e isso passava pela minha cabeça. Então acho que é meu pai. E minha mãe também estava. Minha mãe nunca foi à escola e me incentivou muito a fazer o que nunca poderia fazer, porque acho que ela viu as vantagens de conversar com meu pai. Então foi assim que eu entrei, fiz ciências no ensino médio, não todas. Cursei o ensino médio, cursei disciplinas como física e química, que eu nunca tinha feito, e falei sobre elas em uma pré-universidade de nível superior e depois consegui chegar à universidade e não pensei nisso. Acho que é muito importante a educação dos pais, a forma como eles educam os filhos e o que incutem na mente dos filhos. Então isso me fez continuar até que eu pude entrar na universidade, entrar na ciência e obter um Ph.D. E então, você sabe, porque eu tive um longo abcesso quando era pequena, porque a malária também me incomodava muito quando eu era pequena. E decidimos então que eu queria entrar na pesquisa da malária. E realmente foi assim que eu entrei nisso. E terminei a universidade, voltei para casa e, depois do doutorado, voltei para casa e decidi trabalhar aqui nos Camarões.

Garry Aslanyan [00:04:24] Obrigado por isso, Rose. E Roopa, e a sua jornada?

Roopa Dhatt [00:04:28] Garry, obrigado. E Rose, depois de ouvir sobre sua história sobre sua infância, isso realmente me leva de volta à minha infância. Nasci na Índia e cresci nos primeiros anos entre a Índia e a Califórnia, nos Estados Unidos. E durante uma de minhas viagens, enquanto eu estava com meus avós no verão, acabei ficando muito doente. Acabou sendo apendicite e, nos primeiros dias da doença, não havia muitos médicos por perto e tivemos que cuidar de mim em uma das maiores cidades da Índia. E foi lá que um cirurgião disse, você sabe, essa jovem parece muito doente e nós vamos ter que fazer uma cirurgia exploratória. E foi um dos momentos mais

assustadores. Meus pais estavam nos Estados Unidos. Eles não puderam voar de volta por vários motivos. Além disso, o momento era uma cirurgia bastante urgente. E como resultado da minha doença, da cirurgia que aconteceu e depois de passar um mês nas enfermarias da Índia, fui exposta à ajuda desde muito cedo. Eu tinha nove anos naquele momento e, como parte da minha recuperação, fiquei no hospital por cerca de um mês. E foi nessa época que eu realmente conheci outras crianças ao meu redor e acabei de ouvir suas histórias de quanto tempo elas estavam no hospital, como acabaram no hospital. E eu sabia que havia algo em ser paciente que me inspirou a me tornar médica. E por causa dessa dualidade de crescer em um ambiente de poucos recursos, como a Índia, e também crescer em um ambiente de altos recursos, como nos Estados Unidos, percebi muito cedo que queria trabalhar com disparidades de saúde. Não fazia sentido para mim que, no mesmo mundo, pudéssemos ter disparidades e desigualdades tão grandes e coisas básicas, como saúde. Minha carreira em saúde global realmente sempre navegou entre essas dualidades de estar tecnicamente fundamentado na ciência e ser médico, mas também ser defensora da equidade na saúde. A surpresa em minha carreira é que eu sempre pensei que estaria na mesa cirúrgica realizando cirurgias, e agora passo mais tempo trabalhando em políticas e me engajando na ONU e não trocaria isso por nada. Mas você nunca sabe o que o inspira e como essa inspiração o leva em várias curvas em todo o mundo até onde estou hoje.

Garry Aslanyan [00:06:51] Uau. Vocês dois fizeram uma grande jornada. Rose, sua história sobre seu pai e o papel que ele desempenhou é realmente incrível. E você ouvirá mais tarde que Soumya teve uma experiência semelhante e, Roopa, acho que muitas pessoas se relacionarão com sua história e muito de nossa infância e nossas experiências desempenham um papel na forma como escolhemos nosso caminho na ciência ou em nossas carreiras. Rose, você não é estranha ao assunto que estamos discutindo sobre mulheres na ciência. Então, como uma mulher líder na ciência, quais foram seus momentos de maior orgulho em sua carreira?

Rose Leke [00:07:37] Obrigada. Sabe, eu tive alguns momentos muito orgulhosos. Alguns momentos de tristeza, mas alguns muito orgulhosos. E acho que o máximo é que, quando me tornei, me chamo de avó da ciência. Sabe o que isso significa? Isso significa que tive um aluno que fez o mestrado, supervisionado por mim, e depois o doutorado supervisionado por mim. E eu fiquei muito feliz quando ele fez o doutorado. Aqui é o professor Jude Bigoga. Eu tenho dois deles, o professor Jude Bigoga e o professor Rosett Megnekou. O professor Jude Bigoga agora é professor titular. E então meu momento mais feliz foi quando participei de um júri, onde agora tínhamos o júri de seu Ph.D. estudante que estava defendendo. É isso que quero dizer com a avó de Jude, que agora é professora titular, e aluna de Jude quando eles estavam defendendo. Eu me senti tão orgulhosa. Aluno de Jude e alunos de Rosett. Foram momentos em que me senti muito bem. E eu senti que, você sabe, dizemos o Nunc, você sabe o que isso significa. Nunc Dimittis, agora você pode cantar “Você está indo embora”. Você sabe que os católicos dizem isso, a Bíblia e eu pensamos: Sim, agora, Senhor, estou pronto para ir porque tenho todos esses netos, você sabe que agora são doutores. Então esse é um momento, você sabe, um momento muito, muito importante para mim. Garry, você queria que eu falasse sobre dois deles.

Garry Aslanyan [00:09:12] Por favor, vá em frente. Claro.

Rose Leke [00:09:13] A próxima é quando eu receber todos esses, você sabe, prêmios. Como você mesmo disse, do Kwame Nkrumah ao ASTMH e às Heroínas da Saúde internacionalmente. Mas quando recebi dois prêmios localmente aqui nos Camarões, onde fui reconhecida pela comunidade médica camaronesa como rainha mãe da comunidade médica camaronesa. E quando o Presidente da República também recentemente fez a certificação da pólio, porque eu

presidi a Comissão Regional Africana de Certificação e o Presidente da República, recebi o maior prêmio do país, que é o Comandante da Ordem do Valor. Acho que esses dois locais, você sabe, eu senti que era reconhecimento em meu próprio país. E eu acho que isso realmente me fez sentir que, meu Deus, eu tenho que continuar fazendo tudo o que venho fazendo. Foi um grande incentivo para eu voltar.

Garry Aslanyan [00:10:13] Tenho certeza que você tem mais de dois.

Rose Leke [00:10:15] Você queria dois, e eu te dei dois.

Garry Aslanyan [00:10:19] Rose, obrigado por compartilhar isso. Você personifica muito do que todos nós deveríamos fazer, não apenas pelo impacto que temos, mas também pelo impacto que aqueles com quem trabalhamos terão no futuro e deixarão um legado para a próxima geração. Essa é uma história incrível, Rose. Roopa, eu sei que você tem muito orgulho do trabalho que as mulheres na saúde global fazem, você poderia nos contar mais sobre isso?

Roopa Dhatt [00:10:52] Como médico que defende como um grande aspecto do que eu faço no meu trabalho diário, digo que não advogar também é uma escolha política. Então, a primeira decisão realmente importante que tomei que me orientou neste mundo foi realmente quando me tornei médica e me formei em medicina interna. É muito comum se especializar, principalmente na ciência como área. Estamos nos tornando superespecializados e há muito orgulho de ter um nicho em que você trabalha e de decidir que eu não me tornaria um médico infectologista, esse era o meu interesse e de não ir mais longe nesse caminho de um trabalho internacional de saúde realmente profundo. Foi muito difícil tomar a decisão de dizer: “OK, vou continuar sendo generalista e vou ver aonde as coisas me levarão”. E isso foi em 2016, quando me formei no ensino médio com uma residência em medicina interna. E também foi apenas um ano depois de eu fundar a Women in Global Health, que, para aqueles que não sabem, é um movimento global. Começamos como um movimento realmente impulsionado por voluntários em todo o mundo, a maioria mulheres comprometidas em desafiar o poder e o privilégio pela igualdade de gênero na saúde. Foi realmente um salto de fé, mas tem sido uma das viagens mais gratificantes até agora.

Garry Aslanyan [00:12:15] Gosto muito do que você acabou de compartilhar, Roopa. Com frequência, nós, como cientistas, precisamos responder às necessidades que nos rodeiam, mesmo que isso signifique repensar nossa carreira. E a Rose? Você teve que fazer alguma escolha? E ao fazer essas escolhas, surgiram algumas surpresas inesperadas?

Rose Leke [00:12:37] Oh, muitos, muitos, Garry. Primeiro, eu só quero dizer, Roopa e Women in Global Health, eu tenho muita admiração pelo que ela está fazendo e, você sabe, isso está movendo tudo no lugar certo, Roopa, você é ótima! Garry, você sabe que, a partir da minha vida, eu deixei minha mãe que estava muito doente e morando comigo. E quando fiz o mestrado, voltei e ela estava comigo. Voltamos para este país e ela estava hospedada conosco e eu tive que deixá-la e fazer um doutorado. Essa foi uma decisão muito difícil de tomar para mim. Mas eu finalmente tomei a decisão. Todos nós fomos aonde a família foi. E, você sabe, eu voltei e ela ainda estava lá. Então eu pude cuidar dela. No ponto em que estou começando, fiz esse doutorado e decidi que, no final, minha família tinha voltado para casa. Decidi, fui me visitar, agora estava em imunologia, eu poderia trabalhar. Havia [...] e muita esquistossomose. E eu fui para a London School. Visitei alguns lugares onde eu ia e pensei: “Vou fazer um pós-doutorado antes de voltar para casa”. Eu chego a Genebra. Não sei se você já ouviu falar de alguém chamado Dr. Barza Lato naqueles dias.

Você sabe, no TDR ele estava lá. E Braza Lato, ele era do Brasil, não consigo esquecer. E eu fui vê-lo e falar com ele e ele me disse: “Rose, você não está fazendo um pós-doutorado. Volte para Camarões, eles precisam de você lá. E lá poderemos levá-lo aos workshops, faremos coisas para você e assim por diante.” Eu me senti muito mal porque tinha ido e negociado. Eu ia fazer um pós-doutorado, o que era a coisa certa a se fazer. Então eu tive que voltar e o escutei. Voltei para casa e depois me juntei ao que o professor Ngoo tinha naquele momento. Foi uma bolsa institucional sobre oncocercose, bolsa de fortalecimento institucional. Eu me juntei a isso e foi em Oncho. E eu tinha tanta certeza, trabalhei muito com isso, isso é a cegueira dos rios. Trabalhamos muito, publicamos no The Lancet e assim por diante. Mas para mim, a escolha nunca seria Oncho, eu tinha que trabalhar na malária. E então o desafio recaiu sobre mim. Como faço para voltar ao campo de malária para o qual eu queria ir? Onde vou conseguir dinheiro para isso? A decisão então de voltar à malária, o que eu realmente queria fazer, era o que eu deveria fazer, e acabou sendo. Foi aí que minha pesquisa continuou todos esses anos. E uma família sobre a qual eu gostaria de falar é minha filha. Foi uma decisão difícil. Minha filha ia ter um bebê. Ela estava em Edmonton, Canadá. Eu tinha [...] e ela precisava de mim. E, claro, a pólio na qual eu trabalhava o tempo todo, eu era a presidente da African... Se eu não fosse a uma reunião, a reunião não aconteceria. Aquele bebê não viria e agora eu tinha que ir a uma reunião de pólio. Você pode imaginar o quanto eu orei por aquele bebê para, agora, qual é a escolha? Vou ir à reunião ou apenas dizer à OMS, a todos os países que estavam comparecendo à reunião, vou impedir que eles venham porque estou aqui com minha filha? Ou vou abandonar minha filha sozinha e depois ir para essa reunião? Isso me manteve acordado por muito tempo. E finalmente, esse bebê chegou e eu abandonei minha filha três dias depois. E ela sempre me lembra disso. Então eu também, quando obtivemos a certificação de poliomielite, eu a lembrei, você sabe que eu voltei para ela e disse, você vê por que eu tive que voltar. E pelo menos espero que agora você entenda. Eu posso te contar mais sobre isso, mas pelo menos essas são as poucas vezes, você sabe, que caminho você segue? E você tem que escolher um e, você sabe, não o outro.

Roopa Dhatt [00:16:49] Garry, se eu puder entrar, Rose me inspirou muito sobre os sacrifícios pessoais. E essas coisas são discussões reais que acontecem com sua família, com seu marido, todos esses tipos de coisas. E muitas vezes perdi aniversários e casamentos e é difícil porque, para realmente saber a que horas, você realmente precisa estar em um lugar. E ainda sinto que não sei o tempo todo se a decisão é a melhor decisão para resolver esse problema de saúde global realmente crítico, porque existe uma oportunidade de, novamente, influenciar e impactar de uma forma que pode afetar milhões de vidas. Do jeito que Rose explicou. E por outro lado, somos humanos, nossas vidas, nosso tempo está passando, vidas estão passando. Então eu acho que isso é muito importante para se fundamentar. E o que eu descobri é que há alguns períodos na minha vida em que digo, não importa o que aconteça, esse tipo específico de atividade: se meus pais precisarem de mim ou meu marido precisar de mim por causa de uma doença ou saúde, eu sempre estou lá primeiro. E eles sabem disso. Mas algumas das outras coisas me deram um pouco mais de espaço de manobra e compreensão para dizer que sabemos que você está muito comprometido com essas questões e precisamos que as pessoas no mundo se comprometam dessa forma. Então, recebi muito apoio da minha família. E para aqueles que estão no início da vida ou ainda estão procurando parceiros, é muito importante ter um parceiro que entenda e respeite seus objetivos, sejam eles objetivos de carreira ou, novamente, objetivos orientados por missões. E é algo que acho que consideramos natural, mas tenho muita sorte de ter apoio em minha casa, não importa onde eu esteja.

Garry Aslanyan [00:18:42] Roopa, você iniciou o Women in Global Health, o que realmente fez você se concentrar nessa meta e o que você esperava alcançar com ela?

Roopa Dhatt [00:18:53] Quando começamos a Women in Global Health, eu era uma das quatro mulheres em início de carreira que se viram examinando a saúde global e, novamente, vendo tantas mulheres talentosas, muitas que nos orientaram, nos patrocinaram, nos orientaram, formaram nosso conhecimento em saúde global, eram as especialistas técnicas. No entanto, analisando quem estava obtendo visibilidade, reconhecimento, os cargos de liderança mais altos, se você escolhe políticas ou chefe de reitoras de programas de saúde pública e de saúde global, analisando o setor privado, qualquer que seja o canto da sociedade, as mulheres simplesmente não estavam sendo reconhecidas e ocupando esses altos cargos de liderança. E foi isso que nos inspirou a formar a Women in Global Health. Tratava-se muito de dar visibilidade ao problema, mas mais de uma conversa orientada à solução e uma conversa orientada à solução baseada na ação coletiva. E o que eu gostaria de ver como resultado do impacto do movimento global é que mulheres de todos os aspectos da vida, de todas as classes sociais, de todos os cantos do mundo, estão realmente começando a moldar a saúde global, pois a saúde global pertence a todos e com pessoas de todas as origens, gerações e gêneros, e eu posso continuar com todas as identidades de interseccionalidade que se unem. Mas estamos perdendo essa experiência hoje, e isso está enfraquecendo nossos sistemas de saúde em todo o mundo. E essa pandemia já nos mostrou o que acontece quando não temos uma tomada de decisão com igualdade de gênero. A razão pela qual a Women in Global Health foi realmente formada foi para que tenhamos um pensamento diverso, mas isso leva a melhores soluções globais de saúde. E também estou muito empolgada com a formação de capítulos da Women in Global Health em todo o mundo. Nosso primeiro foi na Alemanha, mas logo depois o próximo foi na Somália e foi novamente abastecido por mulheres nesses países. E é muito bom ter aqui Rose, que patrocinou o capítulo de Camarões, que é um dos nossos mais ativos. E temos cerca de 24 capítulos em todo o mundo e estimamos que teremos 52 até o final deste ano, a maioria deles em configurações de LMIC. E na verdade se trata de ver que existe esse compartilhamento de conhecimento acontecendo, o intercâmbio sul a sul, mas também o conhecimento do sul indo para o norte. E nós realmente precisamos desafiar nossa mentalidade para ver que há conhecimento em cada comunidade e que podemos aprender com esse intercâmbio. E essa é uma das coisas realmente interessantes sobre as mulheres na saúde global.

Garry Aslanyan [00:21:28] É muito encorajador ouvir sobre o crescimento das mulheres na saúde global e ter uma presença internacional tão crescente. Ouvi dizer que você foi recentemente convidada para ser uma das oito ONGs que assessorarão a delegação dos EUA em uma reunião da Comissão da ONU sobre a Situação da Mulher. Essa é apenas mais uma evidência da extensão do movimento que você e seus cofundadores estão criando. Isso é ótimo! Quero voltar a alguns dos fatores que permitem que as mulheres se tornem líderes e pioneiras, assim como vocês duas. Vamos ouvir a Dra. Soumya Swaminathan, cientista-chefe da OMS, com quem falei anteriormente, e ela mencionou fatores semelhantes que foram importantes em sua jornada profissional. Vamos ouvir Sowmya.

Soumya Swaminathan [00:22:21] Bem, eu acho que há duas coisas. Uma é que o papel dos mentores e das pessoas que jovens aspirantes a pesquisadores ou cientistas podem admirar são pessoas que desejam estar na saúde global. E eu acho que é muito importante que aqueles de nós que conseguiram ter sucesso guiem e inspirem a geração mais jovem. Como eu disse, começando de estudantes a estudantes universitários e muito mais. E a outra coisa que é útil, eu acho, é uma rede. Como vemos agora, há oportunidades para as mulheres na saúde global poderem interagir umas com as outras, compartilhar experiências, compartilhar suas histórias e compartilhar maneiras muito inovadoras pelas quais elas conseguiram superar algumas das desvantagens sociais e culturais que algumas pessoas tiveram em alguns países. E isso é

extremamente inspirador, eu acho. E me inspiro quando ouço essas histórias de moças e como elas conseguiram superar os desafios da sociedade para realmente fazer a diferença e seguir sua paixão. E acho que essa é a terceira mensagem que eu teria.

Garry Aslanyan [00:23:40] Como Soumya mencionou a importância das mentoras e o papel que elas desempenharam no apoio à carreira dela, Rose, você é apaixonada pelo papel da orientação e estabeleceu o Higher Women Consortium. Você pode nos dizer como isso aconteceu?

Rose Leke [00:23:57] Quando recebi o prêmio científico Kwame Nkrumah para mulheres, uma coisa é que elas nos colocaram na sala, as mulheres que estavam lá disseram: “Voltem para seu país e tentem ver como você pode levar mais mulheres à ciência”. Então, quando voltei e estava vendo isso na universidade e nos institutos de pesquisa, você tinha muitas dessas mulheres, é como uma pirâmide. Muitos deles na parte inferior. E à medida que você subia, naquele momento havia quase, talvez apenas sete por cento de mulheres que eram professoras, cerca de 12 por cento que nós professoras associadas. Então, levei comigo algumas mulheres que também eram cientistas seniores e nos sentamos e escrevemos sua bolsa de TDR. Você estava procurando; estava distribuindo \$10.000 para ver como poderia, então as pessoas deveriam trazer ideias de como atrair mulheres para a ciência. Esse foi um projeto completo de TDR. Que tipo de projeto você faria com eles e assim por diante. Então, criamos esse projeto de mentoria que colocamos no TDR e foi um dos nove que foram aceitos e recebemos \$10.000 de lá. E assim, com isso, poderíamos organizar dois bons workshops. E a ideia era apenas um programa de mentoria para isso. Reunimos essas mulheres e lhes ensinamos as habilidades difíceis de redigir bolsas. A ideia era deixá-las redigir subsídios, distribuí-los e tentar conseguir algum dinheiro. Deixe que eles façam networking. Você ensina a eles as habilidades difíceis, você lhes dá as habilidades sociais. E fizemos isso juntos. E também à noite, nos sentamos e conversamos ao lado da lareira. E, você sabe, na África, é muito, muito importante sentar junto à lareira. Mostra intimidade com as pessoas onde quer que estejam, as mais velhas, as mais novas, é uma troca aberta. Há confiança e quando os mais novos ouvirem de nós o que, você sabe, eu tive esse problema, esses desafios, essas dificuldades. E eles eram como o professor Leke [...] Eu tenho esse problema e assim por diante. E isso realmente os inspirou. Então, quando eles voltaram depois do primeiro workshop, acabamos de vê-los, a rede, a rede se tornaram muito, você sabe, no WhatsApp, em fóruns diferentes, e assim por diante. Então, no dia seguinte, novamente, poderíamos usar o mesmo para levá-los a outro workshop. Essas mulheres acabaram de começar a se mudar, indo a lugares que eu não conseguia imaginar depois de dois workshops. O impacto que o HIGHER Women Consortium teve sobre essas mulheres e elas estão fazendo isso. Nós temos um deles, por causa disso, eu tive Agnes Ntumba, que era minha aprendiz. Ela acabou de receber o prêmio Young Talent Africa, Subsaharan 2020 da L’Oreal e da Fundação UNESCO. Eu estava assistindo, era a Euronews da CNN, e eu a vi lá. Eu estava na África do Sul e ela estava falando sobre essa bolsa que ela tem. E quando perguntei a ela recentemente, eu disse, apenas me diga, porque eu vou participar deste programa qual foi o prêmio e, você sabe, o que você diria sobre isso? E ela acabou de dizer que esses workshops e os diferentes intercâmbios lhe deram a visão da pesquisa. Sua visão foi aprimorada: melhorei meu networking; encontrei uma nova maneira de falar sobre mulheres na ciência; compartilhei ótimos momentos com os pesquisadores seniores, e eles nos fizeram entender que é possível ser uma ótima pesquisadora, mãe, esposa e que você nunca deve desistir. E que nem mesmo o céu será um limite. Isso é tudo o que Agnes escreveu. Então, isso é só para dizer, HIGHER Women, todo ano, tentamos uni-las agora, mas é tão sólido por si só e Roopa sabe que, a partir delas, elas decidiram que agora HIGHER Women, são principalmente mulheres pesquisando. Agora há o resultado: essas mulheres agora são mulheres que fundaram a Women in Global Health. Então, agora elas estão divulgando e essas mulheres não estão apenas

pesquisando, agora estão entrando em contato com as comunidades e ajudando, você deve ver o que elas estão fazendo, elas estão realmente se destacando na área da saúde global. Então é isso que posso dizer sobre o Higher Women Consortium. Muito, muito orgulhoso de como está indo. E nós temos mentores e você tem pelo menos quatro aprendizes para os mentores, cada um. E eles vêm até você. Acho que podemos falar sobre isso mais tarde.

Garry Aslanyan [00:29:09] Conte-nos agora. Diga-nos agora, Rose, o que é a orientação holística?

Rose Leke [00:29:15] A mentoria holística é que você vem com as habilidades difíceis, nós as estamos ensinando. Ou seja, nós escrevemos os subsídios, você faz os dados, você faz as estatísticas, você faz tudo isso. Você tem as habilidades pessoais, seu gerenciamento de tempo, ser esposa, ser mãe e assim por diante. Porque você sabe que as barreiras, como você sabe, Garry, as barreiras para o crescimento profissional também são biológicas, são culturais, são sociológicas, são históricas. Então, temos que fazer isso e ter certeza de que estamos colocando todos eles. A maternidade é importante nisso. Sentada ao lado da lareira, acabei de falar sobre tudo isso, falar sobre maternidade, falar sobre os filhos, falar sobre sua casa. Como eu digo a eles quando chego em minha casa, deixo meu Ph.D. saio pela porta e entro em minha casa como esposa, como mãe, e todos nós mencionamos isso para você, conversamos sobre tudo isso. E meu aprendiz pode me ligar a qualquer momento, como Agnes quando eu ligo na minha cabeça, estou com dor de cabeça, o que posso fazer? Quando a família tem esse problema. Eu tento ajudar nisso. Não são apenas pesquisas que orientamos, estamos orientando-as de forma holística, toda a pessoa está sendo orientada. Isso é o que queremos dizer. E especialmente na África. E quando nos sentamos, como no outro lado, como eu te disse, conversamos sobre tudo. Tudo o que você quer falar, basta trazer os outros com confiança, com respeito, e os outros lhe darão o conselho. As mais velhas gostam de ouvir as mais velhas, aconselhar as mais novas sobre a vida em geral, sobre ser mãe, ser pesquisadora, ser esposa, ser alguém na sociedade e ser alguém na igreja e tudo isso, seja religião, tudo se encaixa, Garry. É isso que queremos dizer com mentoria holística.

Garry Aslanyan [00:31:18] Isso é ótimo. É muito interessante porque acho que a maioria das pessoas pensa na orientação de uma forma muito restrita e profissional e, seja para mulheres ou homens, isso não importa. Mas não é. É considerado que talvez às vezes nem seja o lugar certo em termos de como abordá-lo. Mas é muito esclarecedor ouvir sobre essa experiência. A orientação de Roopa faz parte do que as mulheres na saúde global fazem, ou como isso se reflete em alguns dos trabalhos que você está fazendo globalmente ou por meio de seus centros nos centros regionais? Algo assim está acontecendo também?

Roopa Dhatt [00:31:59] Complementamos muito os programas existentes que fazem mais desse tipo formal de orientação e do tipo formal de treinamento. Para nós, nosso lema é que estamos aqui para consertar sistemas, não mulheres, e realmente dar a elas evidências e orientações sobre quais são essas barreiras estruturais. Usamos modelos ecológicos semelhantes aos de que Rose estava falando lá. E existem desafios e barreiras no nível individual, no nível interpessoal, no nível institucional e mais no aspecto comunitário e social. E algumas dessas coisas são culturais. E, às vezes, até mesmo criando espaço para que essas conversas aconteçam e outras muito sinceras. Voltando ao ponto de vista de Rose, essa orientação holística modelo parece fantástica, Rose, porque é exatamente o que nossos capítulos estão fazendo de uma forma mais informal. Eles estão sendo uma rede de apoio. Então, se as mulheres estão enfrentando barreiras e desafios, elas sabem que têm uma comunidade inteira a quem recorrer para apoiá-las, seja porque estão enfrentando violência ou assédio no local de trabalho ou se não estão tendo uma oportunidade de emprego, elas sabem que têm toda essa comunidade a quem recorrer em busca de inspiração

e apoio. E é assim que estamos fazendo. Alguns de nossos capítulos estão criando um tipo de programa de mentoria. Então, eu diria que não é da forma formal que a orientação às vezes ocorre em um ambiente universitário, é muito sobre isso: como apoiamos a jornada das mulheres em sua carreira e vida pessoal? E é isso que eles realmente procuram quando há orientação. Mas em nível global e nacional, nossa maior mensagem é consertar os sistemas, não as mulheres, essas são as mudanças políticas de que precisamos, esses são os investimentos de que precisamos, é assim que criamos um ambiente propício para todos os gêneros. E essa é a parte mais difícil, é que as estimativas de igualdade de gênero dizem que levaremos 100 anos até alcançarmos a igualdade de gênero, às vezes 200. Sim, exatamente. Rose sabe que esses números aumentam e diminuem a cada dois anos porque essa é uma enorme montanha ascendente para escalar.

Rose Leke [00:34:14] E Garry, posso acrescentar, você sabe, em nossas últimas reuniões, o que fizemos também foi trazer os homens. No final da reunião, traga os maridos, traga os homens. Fizemos isso e deixamos que eles viessem, você sabe, suas esposas estão lá e nos digam: Quais são seus desafios? O que é isso? E fizemos isso, trouxemos alguns dos maridos e esperamos continuar fazendo isso. Então, pelo menos entendemos os homens, os homens também nos entendem, de onde viemos, para onde vamos, e que fizemos isso em algumas de nossas reuniões.

Roopa Dhatt [00:34:48] A parte intergeracional também é muito, muito importante, Rose. Adoro o programa que você tem nos Camarões. E quando você me falou sobre isso pela primeira vez, disse que isso é exatamente o que precisamos em todos os ambientes. Perdemos muito do conhecimento de algumas das mulheres feministas mais fortes e defensoras de gênero que travaram muitas dessas batalhas décadas antes. A maioria de nossas lutas não são lutas novas, mas lutas antigas. E é o fato de que às vezes simplesmente não temos essa oportunidade de trocar conhecimento entre gerações sobre essas questões de direitos humanos, direitos de gênero e direitos das mulheres. Então, parte do que tentamos fazer para Mulheres na Saúde Global é realmente criar esse espaço em que essas mulheres seniores se conectem com aquelas mulheres em início de carreira, e todas elas estão envolvidas com um objetivo comum. E assim cria uma dinâmica e um ambiente diferentes. E eu diria que em cada ambiente em que você está tentando ter mais mulheres na medicina ou em STEM, na saúde global, para realmente criar essas oportunidades intergeracionais, porque há muito conhecimento perdido se não as criarmos.

Rose Leke [00:36:02] Muito verdadeiro. E recentemente, o que fizemos, agora contratávamos mulheres e depois tínhamos mulheres na área da saúde global, veja, uma ramificação. Então, são essas mulheres e a divulgação agora para a comunidade, há um conflito, temos tantos problemas diferentes aqui, seja com COVID ou com, e a Women in Global Health agora está tão envolvida nisso, Roopa, graças a você, nessa seção. Então não é isso, é sobre as mesmas pessoas, mas você as vê se reunindo, discutindo tudo isso, há a orientação, há a divulgação, mulheres em todo o mundo levando questões globais de saúde para as meninas mais novas. Outro dia, fomos à universidade para conversar com garotas universitárias sobre saúde global. Fizemos isso na Universidade de Yaoundé 1, e foi feito por mulheres e mulheres de alto nível na saúde global. Mas o que fizemos no Dia da Mulher e fizemos um simpósio inteiro sobre isso. Então, esse é o tipo de maneira que vimos isso. E é assim que estamos trabalhando e indo direto até mesmo às escolas secundárias para conseguir as mais novas, as gerações mais jovens também. Temos programas em que frequentamos as escolas secundárias também para conversar com as meninas mais novas, as meninas dizem o que querem fazer, colocá-las em STEM e inspirá-las. E você os vê muito felizes no final disso. Então, tudo isso está acontecendo agora.

Garry Aslanyan [00:37:27] Eu quero mudar um pouco de marcha agora para que também possamos refletir criticamente. Às vezes, nossos melhores esforços para alcançar a igualdade de gênero para as mulheres podem ter o efeito oposto e podem ser vistos como paternalistas. Rose, como você responderia a essa declaração?

Rose Leke [00:37:45] Isso pode acontecer. E eu sei que há momentos em que, mesmo em nossa assembleia, você sabe, queríamos, o que, 30%? As mulheres ficaram gratas. De vez em quando você ouve essa crítica: O que eles estão fazendo lá? Você sabe, as mulheres que eles não podem. E você gostaria de mulheres em algum lugar. Então, o que eu digo sobre isso, Garry, é que mesmo que eles tenham que lhes dizer o que fazer, deixe que eles estejam lá para ter visibilidade. Vamos obter uma massa crítica. Deixe-os estar lá, deixe que os mais novos os vejam lá, olhem para cima e digam, hmm, talvez eu queira estar lá amanhã e eles trabalhem mais e talvez façam melhor do que isso. O que eu diria sobre isso é que, o que quer que eles digam, vamos deixar que eles estejam lá. Eles afetarão a população mais jovem, seja qual for. Vamos entender isso dessa forma. Acho que é assim que eu veria isso. Eu não desencorajaria isso. É verdade que às vezes as mulheres com muitos lugares e você pensa, oh, você gostaria que elas dissessem alguma coisa, você gostaria que elas fizessem alguma coisa, e você pode estar roendo suas unhas ou o que quer que seja e assim por diante, mas, você sabe, dê a elas a chance e todos nós até olharemos para essa posição e diremos, bem, talvez eu possa chegar lá também, e elas trabalharão mais. Então, essa visibilidade é muito, muito, muito importante para mim. E obtendo uma massa crítica já, você sabe, são mulheres se mudando.

Garry Aslanyan [00:39:18] É muito importante ter uma visão mais ampla e examinar outros aspectos além do gênero, como cultura, tradição, classe, formação educacional, raça, e todos eles ajudam nos esforços para apoiar as mulheres a progredirem em suas carreiras. Ao encerrarmos nossa discussão de hoje, vamos ouvir Soumya novamente pela última vez. E depois disso, gostaria muito de ouvir de vocês duas recomendações sobre algumas ações práticas que vocês dariam ao nosso público que elas poderiam usar, especialmente mulheres cientistas, para realizar seus sonhos e paixões.

Soumya Swaminathan [00:40:09] Bem, acho que a primeira e mais importante coisa é fazer essa pergunta e ter uma perspectiva de gênero em tudo o que você está fazendo, seja criando um comitê, seja criando um novo programa de bolsas de estudo, seja um programa de orientação ou um programa de doações, para garantir que você esteja sempre nas métricas que estão medindo seu sucesso, incluindo a inclusão de mulheres e pessoas de países de baixa e média renda, como um elemento muito importante disso. Porque eu acho que quando você fala sobre esperança global, novamente, há dados suficientes, estatísticas para mostrar que a saúde global é dominada por homens, particularmente do norte, e por pessoas que foram educadas no norte global. Então, para mudar esse equilíbrio, temos que tomar uma decisão consciente. E é aqui que os líderes das instituições realmente podem desempenhar um papel muito importante. E eu vi por mim mesmo na OMS, assim como no TDR, que isso é possível, desde que a liderança esteja comprometida com isso.

Rose Leke [00:41:25] O que eu diria, quando você começa, são os pais, número um. Você sabe, quando você tem pais criando filhos no ambiente africano. Você tem a garota, antes de tudo, no Natal, você ganha uma boneca, a menina e o menino ganham um trator, certo. Esse é o começo. Então ele pode começar a fazer coisas como mecânico e a garota ganha uma boneca para ser costureira, e assim por diante. Com a garota, a mãe sempre dizia à garota, você vem comigo para a cozinha. E o garoto pode estar jogando futebol com os amigos, e se a garota entrar, é por isso

que você não deveria fazer isso, deveria estar ajudando sua mãe. Então, no nível dos pais, você sabe, e da sociedade, para mim, o que está por vir é aceitar isso. Está evoluindo, é verdade. Está ficando melhor. Mas ainda não estamos lá. Quero dizer, talvez não haja uma maneira ideal de dizer que isso está feito. Mas a sociedade tem que realmente aceitar e sentir que, deixe as mulheres sentirem que o que o homem pode fazer, eu posso fazer com os meninos. Do próprio lar, deveria haver um caso com os pais tratando as meninas da mesma forma que os meninos. Eu tive que, eles olharam para mim, meus filhos quando estavam crescendo, olharam para mim de forma tão diferente de seus amigos. Eles voltaram para casa e todos os meus meninos e todas as minhas meninas sabem cozinhar. Eu os coloquei na cozinha durante as férias e meus filhos estavam cozinhando. Lembro-me de um dia, meu filho mais velho, ele sempre se lembra disso, a namorada dele estava chegando e eu olhei para ele e disse, você está cozinhando? E eu disse, sim, ele é quem está cozinhando hoje. E para as meninas, eu disse que espero que você, quando menina, possa fazer ainda melhor em casa. Bem, essa foi uma casa em que a resposta dela para mim foi que, na minha casa, até minha mãe não cozinha. Sabe, essa é a ideia de que somos para que minha mãe não faça ninguém. Mas eu disse a ela em minha casa que todo mundo sabe. Então, as casas são diferentes. É por isso que eu disse que vem dos próprios pais, depois da sociedade e depois das meninas, das mulheres agora em suas próprias casas, como elas agem quando voltam para casa? É como a mulher que diz: Oh, eu sou Ph.D. então eu não vou mais para a cozinha, eu só tenho alguém para ajudar. Em uma sociedade africana, é como entrar cada vez mais. E as mulheres têm que assistir isso e pensar que o que eu realmente entendo é com as HIGHER Women. Sabe, se você quer ser mãe, quer ser esposa, temos uma sociedade africana tradicional. Temos gênero, existem questões de gênero. Eu sempre disse a eles que é um elogio. Você sabe, homens e mulheres são elogiosos. Há certas coisas na sociedade africana que a mulher está fazendo e há certas coisas que o homem está fazendo. E primeiro, se você vive em uma sociedade, sabe o que é essa sociedade e não importa o quanto suba a escada, você ainda percebe. Quero dizer, não deixe que eles te derrubem de forma alguma porque você é uma mulher. Mas você ainda percebe que vive nesta sociedade africana tradicional, embora tentemos evoluir o tempo todo, você sabe, tornar as coisas cada vez melhores para as mulheres, envolvendo os homens. Portanto, qualquer estratégia também deve envolver os homens. E é isso que nós também tentamos fazer. Eu não sei Tenho certeza de que Roopa tem mais ideias sobre isso, especialmente trabalhando com mulheres na saúde global. Mas esses são os pontos que posso destacar, pois você sabe que tipo de estratégia é o que acontece e como podemos melhorar as coisas.

Garry Aslanyan [00:45:20] Então Roopa e quais são suas experiências? Quais são os fatores além do gênero que influenciaram a carreira das mulheres na ciência ou na saúde global?

Roopa Dhatt [00:45:31] Na verdade, gostaria de recuar ainda mais. Uma visão panorâmica sobre o assunto é que, quando analisamos a saúde global e a liderança global em saúde, ainda é muito distorcida, como mencionei anteriormente, é que é muito distorcida para pessoas de uma determinada origem ou origem racial ou certa parte do mundo e certas instituições de poder. E estamos perdendo muito conhecimento e experiência da mesma forma que a diversidade na saúde global é realmente fundamental, especialmente para as mulheres. Em qualquer sociedade, há umnexo de poder e privilégio. E eu gostaria de usar o exemplo de nosso capítulo sobre a Índia, que tem realmente aplicado uma lente poderosa em seu trabalho e, especialmente durante o período da COVID-19, eles fizeram questão de organizar cerca de 11 diálogos de liderança de poder, trazendo realmente mulheres que são as mulheres mais invisíveis das castas mais baixas, castas que muitas vezes são consideradas a casta intocável, e trazendo seu conhecimento e experiência em responder à COVID-19 na frente dos formuladores de políticas do nível nacional e nível subnacional. E essas conversas foram apenas, como posso dizer isso? Mas algumas das

discussões mais bem informadas que estão ocorrendo e os formuladores de políticas que participaram continuaram dizendo que precisamos de outra. O que deveria ser, acho que começou como uma série de três partes, tornou-se uma série de 11 partes, porque os próprios formuladores de políticas disseram, bem, essas são todas as coisas que não conhecemos. E imagine que eles são todos parte do mesmo país. E a maioria das pessoas em todo o mundo diria: bem, todos os indianos são iguais, então eles devem se entender e eu só preciso daquele representante indiano. Mas, na verdade, a realidade de uma certa mulher indiana de uma determinada casta e determinada região, certa língua e grupo religioso, tem uma experiência completamente diferente da de outra mulher indiana. E nós realmente queremos começar a analisar a liderança feminina, o engajamento e a ciência das mulheres com essa lente de interseccionalidade.

Garry Aslanyan [00:47:33] Obrigada. Esses são ângulos extremamente interessantes sobre isso. E obrigado por educá-los e realmente enriquecê-los dessa forma. Então, uma pergunta final para vocês dois. Que uma ou duas coisas nosso público pode fazer para ajudar cientistas promissoras a realizar seus sonhos e paixões, e o que você diria a elas? O que elas precisariam fazer? Talvez Rose primeiro.

Rose Leke [00:48:03] Eu sempre digo às mulheres que elas deveriam sonhar, número um, sonhar, sonhar e sonhar. Isso é sempre muito importante. Viva a vida com um propósito e siga-o. Qual é o propósito? Você sonhou que tem o propósito. E você realmente é apaixonado pelo que está fazendo. É necessária uma mudança de mentalidade. E falamos sobre isso muito importante, a mentalidade também. Embora seja global ou localmente, e na sociedade africana, é importante. Isso é conquistar os homens e as mulheres, não são só os homens agora. Envolve-os. Para mim, é complementar. Então, o que você está fazendo ao sonhar, ao seguir em frente, mudar de mentalidade, lembrar que os homens estão lá, as mulheres estão lá e há uma complementaridade. Há um trabalho conjunto, isso é importante. Então essa geralmente é minha mensagem. E eu sempre digo ao nosso SUPERIOR, a todas as mulheres e eu já disse isso muitas vezes, que para mim o que você faz é atirar para a lua e se você não conseguir chegar lá, você sempre estará entre as estrelas. E esse é o mantra. É assim que deve ser e trabalhar pela excelência, tudo. A excelência é muito importante.

Roopa Dhatt [00:49:52] Estou me sentindo tão inspirada. Fotografando para a lua. Isso é muito bom. Mudar a mentalidade é provavelmente a coisa mais importante que todos nós podemos fazer coletivamente e começar a valorizar nossas meninas e mulheres desde o início, garantindo que tudo o que estamos fazendo seja uma forma de reconhecê-las e valorizá-las. Todos nós podemos imaginar um mundo diferente onde haja muito mais equidade com base em gênero, raça, geografia, todos os diferentes aspectos, e isso beneficia a todos e beneficia todos os gêneros. Então, ser realmente visionário e ousado, trazer essa mudança e trazer outras pessoas a bordo com você para esse ambiente. E, às vezes, criar oportunidades significa se inclinar para fora ou passar o microfone, e outras vezes significa fazer crescer o bolo e se sentir confortável com todas as diferentes formas de transformação possíveis. E o conselho que eu daria para mulheres em início de carreira é continuar com isso, criar uma rede ao seu redor que possa apoiá-la. Essa rede pode ser pessoal. Pode ser profissional. Pode ser uma mistura dos dois. Mas saiba que todos ao seu redor realmente precisam ser capazes de apoiar sua jornada. E é daí que virá o sucesso, porque a verdadeira mudança acontece com a ação coletiva.

Rose Leke [00:51:17] Muito bem dito, Roopa.

Garry Aslanyan [00:51:19] Cada uma de vocês tem desempenhado um papel fundamental para promover as oportunidades para as mulheres na ciência, seja por meio do Higher Women Consortium ou por meio de mulheres na saúde global. Seja em nível nacional ou global, todos os seus esforços estão se transformando em verdadeiros sucessos. Como vocês dois mencionaram, é importante nunca desconsiderar as desigualdades de gênero, mas ainda assim estar muito ciente dos outros fatores interseccionais que desempenham um papel muito importante. Quero incentivar nosso público mais jovem, que ainda está construindo suas carreiras na ciência, a fazer o que Rose sugeriu. Atire na lua e, mesmo que não a alcance, você ainda estará entre as estrelas. Rose, Roopa, muito obrigado por compartilhar sua própria jornada conosco hoje.

Rose Leke [00:52:15] Obrigado, Garry.

Roopa Dhatt [00:52:17] Obrigado, Garry.

Garry Aslanyan [00:52:19] Em nome da equipe de produção da Global Health Matters, queremos agradecer por ouvir. Essa conversa sobre mulheres na ciência definitivamente ainda não acabou e convidamos você a interagir conosco nas redes sociais. As notas do programa de hoje estão disponíveis no site do TDR, onde você também poderá acessar a versão mais recente do compêndio TDR Women in Science, que apresenta quinze mulheres compartilhando suas histórias inspiradoras e algumas palavras de sabedoria sobre como seguir uma carreira na ciência. Certifique-se de assinar o Global Health Matters onde quer que você receba seu podcast. Se você gostou do episódio de hoje, fique à vontade para nos dar uma classificação de cinco estrelas!

Elisabetta Dessi [00:53:07] O Global Health Matters é produzido pelo TDR, o Programa Especial de Pesquisa e Treinamento em Doenças Tropicais. Garry Aslanyan, Lindi van Niekerk e Maki Kitamura são os produtores de conteúdo e Obadiah George é o produtor técnico. Esse podcast também foi possível com o apoio de Chris Coze, Elisabetta Dessi e Izabela Suder-Dayao. O objetivo do Global Health Matters é fornecer um fórum para compartilhar perspectivas sobre questões-chave que afetam a pesquisa global em saúde. Envie-nos seus comentários e sugestões para tdrpod@who.int e não se esqueça de baixar e assinar onde quer que receba seus podcasts. Obrigado por ouvir.